OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

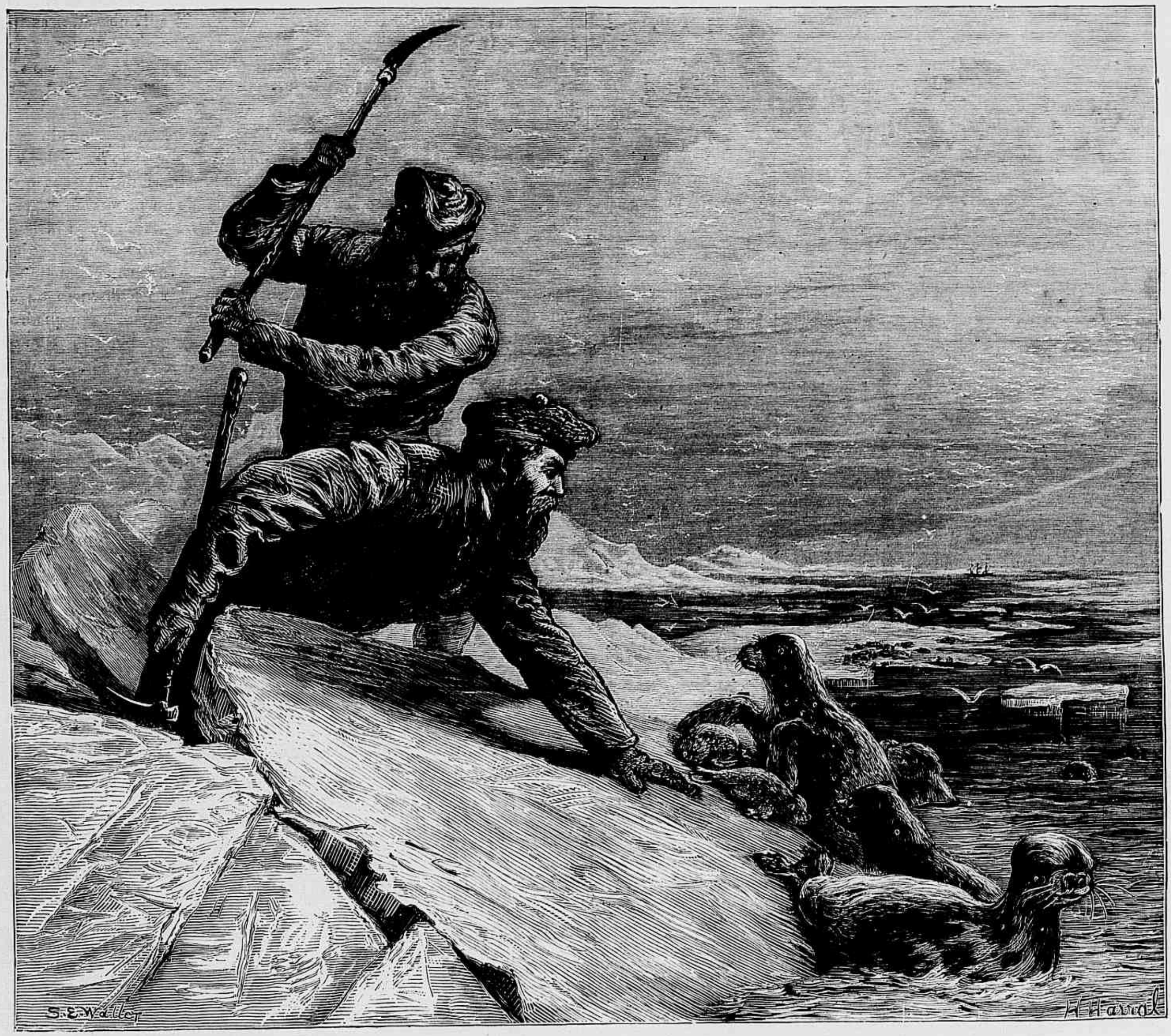
AGENTE NO BRAZIL : SERAFIM JOSÉ ALVES
Rua Sete de Setembro, 83, Rio de Janeiro

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PORTUGAL E COLONIAS (*Moeda forte*)		BRAZIL E AMERICA DO SUL (*Moeda fraca*)		FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	
Semestre ou 6 numeros	1.500 réis	Semestre ou 6 numeros	5.000 réis.	Semestre ou 6 numeros	8 francos
Trimestre ou 3 numeros	800 réis.	Trimestre ou 3 numeros	3.000 réis.	Trimestre ou 3 numeros	4 fr. 50
Por mez ou numero avulso	300 réis.	Por mez ou numero avulso	1.000 réis.	Por mez ou numero avulso	1 fr. 50

VOL I°. PARIS, 31 DE JULHO DE 1878. NUMERO 12.



CAÇA AOS OTARIOS NAS REGIÕES ARCTICAS

SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris . . . . . Guilhermino de Sá
Caça aos otarios. . . . . .
Arnaldo de Brescia. . . . . Luiz Jardim
Combate de Feras . . . . . .
A rez ferida. . . . . .
Federigo . . . . . Prosper Merimée
Os amantes . . . . . .
Uma execução na China. . . . . W.
O Pavilhão da Cidade de Paris. . .
Vestibulo da Secção Franceza das Bellas-Artes . . . . . .
Revista bibliographica. . . . . João Tedeschi.
Variedades. . . . . .

GRAVURAS

Caça aos otarios. — Combate de Feras. — A rez ferida. — Os amantes. — O Pavilhão da Cidade de Paris. — Vestibulo da Secção franceza das Bellas-Artes.

CORREIO DE PARIS

—

Ha trez palavras que me inquietam quando as oiço proferir ou as vejo escriptas. Provem essa inquietação de eu não entender bem o que é que a pessoa que as emprega quer dizer com ellas. Essas palavras são : *progresso*, *civilisação*, *arte*. Como a materia é difficil, procedamos com ordem. Vamos á primeira.

Se me não engano a palavra *progresso* foi descoberta em nossos dias, ainda que a dizer a verdade não sei por quem. O que é certo é que nunca a ouvi a nenhum dos meus antepassados, paes, avós, tios nem tias. Como é palavra a que já tive muita affeição, indaguei e soube que a mais remota antiguidade não a conheceu. Nos Vedas e no Codigo de Manú não apparece. Em toda a Biblia, quer no Novo quer no Velho Testamento, tambem não. Homero, Hesiodo, Cicero, Tacito e Virgilio não a mencionam. Nos trovadores e nos cancioneiros, bem como em Dante, Petrarcha e Ariosto não se encontram vestigios. Em Shakespeare, Molière, Cervantes e Camões não ha noticia. Goethe e Byron que eram atrevidos quando se tratava de palavras novas não usaram d'esta. D'onde veio e quem a descobrio não se sabe: mas o que não offerece duvida alguma é que se encontra na bocca de muitos habitantes da Europa e da America desde que appareceu um livro intitulado *Le Monde marche*. O author não quer dizer que o mundo anda, pois desde o tempo de Galileu que elle róla e se move por si. Nada, não. O que elle quer dizer é que tudo melhora, que tudo progride. Esqueceu-se porém de nos explicar como é que andando tudo para melhor, não apparece um novo Aristoteles cada mez ou pelo menos cada anno, nem tão pouco (o que é mais sério) como é que no fim de dois mil annos ha tão pouca gente que o tenha lido e ainda menos quem o entenda. Mas emfim, o nosso proposito não é discutirmos este ponto. O author do tal livro diz-nos n'um estylo unico e cheio de pompas nunca d'antes vistas, que desde a hervinha dos campos até aos astros, passando pelo homem e outros animaes, tudo attesta que o mundo melhora, que se desenvolve e progride. Ora as pessoas que lêram isto um bello dia, e que ficaram convencidas de que realmente as coisas iam melhor do que na vespera, combinaram entre si que d'ahi em deante se chamasse a esta evolução permanente e indefinida, *progresso*. Até aqui vae a coisa muito bem. Mas aconteceu que outros, se não os mesmos, quando se levantava qualquer questão mettiam a torto e a direito *o progresso* para a frente. D'ahi uma confusão immensa no sentido da palavra. Apezar de confusa, e até talvez por isso mesmo, veio a caír nos dominios da politica. Jornalistas, deputados e ministros applicavam-na a todos os assumptos, quer viesse a proposito quer não. Fôsse para que fôsse invocava-se *o progresso*. Isto chegou a um ponto tal, que para pôr cobro a esta calamidade e ao mesmo tempo accudir a muitos leitores, que quando vêem aquella palavra abrem muito os olhos e não percebem nada, proponho que se amplifiquem os diccionarios e que ao tratarem da palavra expliquem ao publico o que ella vale. Abre-se o diccionario de Littré, por exemplo, e procurando-se a palavra *progresso*, lê-se : *adeantamento, avanço, desenvolvimento* e outras coisas mais. Pois no fim d'essas coisas deve trazer o seguinte : *Expressão inutil, que não quer dizer nada.* || *Verbo de encher.* || *Recurso de cabeça sem ideias.* O primeiro lexicographo que fizer isto presta um grande serviço pondo a claro a significação d'uma palavra que já quasi ninguem entende.

Com a palavra *civilisação* acontece quasi que o mesmo, com a differença de ser mais antiga e de ter significado por muito tempo alguma coisa. Depois de passar por mil vicissitudes embrulhou-se tambem e veio a ter identica sorte. Tanto se quiz dizer com uma palavra tão sonora, que por fim não se diz nada. Proponho, por conseguinte, aos lexicographos, que se adapte a esta o mesmo processo que á outra, aconselhando-os ao mesmo tempo que previnam o publico de que deve desconfiar muito do estado mental da pessoa que tiver por costume empregar juntas essas palavras, e que salvo algum innocente que por idiota diga *progresso e civilisação* sem saber o que diz, é bom estar de sobre-aviso e recear, sobretudo se se tratar de um orador, que o homem está furibundo e que emprega a phrase sem má intenção, talvez, mas para desabafar alguma furia. Quando se vê uma pessoa praticar o mesmo disparate repetidas vezes é máo signal. Assim como o abuso da morphina conduz ao morphinismo, e o do tabaco ao nicotismo, o abuso d'esta tolice póde arrastar qualquer pae de familia a uma doença que se denomina em lingoagem franco-portugueza *cretinismo*. No idioma portuguez do futuro chamar-se-ha a um homem d'esses *cretino*. Na tal lingoa do futuro, e segundo os modernos romancistas portuguezes, a plebe chama-se *vermina*, as ventas dos mortaes *narinas*. Não sei que mal possa haver em que os mentecaptos passem a ser chamados *cretinos*.

Com a palavra *arte* succede o mesmo. É difficil entender-se o que se quer dizer com ella: mas a razão é differente. Com as duas primeiras (que não tornaremos mais a citar, com receio da enfermidade) fica-se perplexo, quando se não está prevenido, por não quererem dizer nada. Esta, porém, diz muito. Sómente, varia o sentido segundo as tendencias, o grão d'instrucção, o temperamento e o ideal da pessoa que a profere. O clima e a sociedade em que se vive tambem fazem muito ao caso. Assim, por exemplo, em Lisboa, um official de sapateiro n'um domingo ou n'uma segunda-feira de tarde, quando está um pouco toldado pela bebida, se se julga offendido (o que lhe acontece muitas vezes, porque é muito melindroso) a sua primeira defesa é declarar-se *artista*. A arte para elle consiste exclusivamente em fazer botas e sapatos. Aqui temos já um modo de entender *a arte*. Seguem-se depois mil outras accepções : *arte militar, artes mecanicas, liberaes, etc.* Se se procura nos diccionarios acha-se : *maneira de fazer uma coisa qualquer segundo um certo methodo.* Vê-se bem que os diccionarios não fôram feitos para explicar o sentido das palavras. Tem a gente vontade de lhes perguntar que methodo seguio Phidias para esculpir a estatua de Jupiter. Que methodo seria aquelle!

Para o sapateiro lisboeta artistas são os que fazem calçado. Para alguns diccionarios, *arte, é a maneira de fazer uma coisa com methodo.* Para outros quer dizer *manha, astucia, treta :* coisas que para se possuirem, nem sempre é preciso ter methodo, como o leitor sabe. Caminhando-se por este labyrintho dentro acha-se uma pessoa envolvida por fórma tal que melhor fôra ter deixado á porta toda a esperança de salvação. Era melhor dizermos uns aos outros : « De um até mil adivinha lá o numero que tenho na cabeça. Se adivinhares, ficas sabendo em que sentido emprego a palavra arte. » Para sair d'este dédalo não vejo outro meio senão deitar o meu paradoxo tambem e dizer o que é que entendo por *arte* e *artistas*.

Artista é o homem que impressionado por uma ideia a manifesta por meio de palavras sons, côres ou fórmas, transmittindo aos que ouvem ou vêem a sua obra a mesma impressão que elle sentio. Se na revelação d'essa ideia o artista deixa entrever um novo horisonte; se ha n'essa manifestação uma nova maneira de se exprimir; se ao ouvir-se o seu discurso ou a sua musica, se ao contemplar-se o seu quadro ou a sua estatua, se sente que por ali passou o sopro da alma humana; se a sua individualidade se pronuncia bem na sua obra; se tem originalidade, emfim, esse artista é um grande artista. Demosthenes, Phidias, Dante, Miguel-Angelo, Shakespeare e Mozart são grandes artistas na accepção mais rigorosa da palavra. Se me perguntarem, se são igualmente grandes, direi sem hesitar que sim. O homem vive circumdado pelo infinito, e face a face com elle não o póde exprimir, porque todas as expressões humanas são limitadas; uma unica formula nunca poderá conter a arte, nem nenhum systema a poderá traduzir inteira : mas na vastidão do seu immenso templo ha logar para todas as manifestações.

O que porém todos estes grandes homens possuiam alem do genio e que falta á nossa época é a fé, é o amor ideal. Sem estas illusões não ha arte. Murillo, quando pintava o seu famoso quadro da *Assumpção* era guiado pela fé e pelo seu intenso amor religioso. Os cherubins que servem de pedestal á Virgem, fôram os que lhe carregaram a palleta d'aquellas côres divinas e que o irão accompanhar no céo, onde o espera a beatitude eterna. O grande artista era um catholico fervente e convicto, e sem esse fervor e essa convicção nem encontraria a ideia, nem a saberia exprimir.

Nós não temos nem essa fé nem esse amor. O nosso idéal é outro. Por isso apparecem menos artistas em nossos dias. A architectura ja ha muito que morreu. A esculptura e a

pintura estão reduzidas a officios que são cultivados com bastante talento e estudo, mas com pouco sentimento artistico. Só a musica é que chegou no nosso século onde não tinha chegado nos outros. Como a lingoagem humana pára onde ella começa, não é facil marcar-lhe limites.

A época dos grandes artistas passou. É provavel que não appareçam mais renascenças. Parte minima de um todo infinito, o homem, não se quer resignar com a sua sorte, e cada vez redobra mais em esforços para saber o porquê das coisas. As forças que empregava em crer, applica-as agora em devassar mysterios, que persistem em ficar obscuros. O amor com que ardia pelo sobrenatural transformou-o em sede com que prescruta as leis da natureza. Senhor de uma vontade, sente que não foi em virtude d'essa vontade que elle nasceu, e que apezar d'ella ha de morrer. A sciencia humana accumulada não lhe dá uma simples noção da vida nem da morte. É uma obra esplendida e funebre: esplendida pela dedicação e funebre pelos resultados. Todas as suas faculdades são absorvidas pelo impenetravel. O desgraçado, que ha de fazer? Revolta-se contra o seu cruel destino, e é assim que aos baldões, esmagado por mil dôres e desesperos, elle passa para aquella região desconhecida, da qual, como diz Shakespeare, nunca nenhum viajante voltou.

GUILHERMINO DE SÁ.

CAÇA AOS OTARIOS NAS REGIÕES ARCTICAS

Esta caça é muito proveitosa, não em razão da carne do animal, mas da pelle que tem um grande valor para forrar as capas e os casacos das damas nos climas frios. Não se trata aqui de pescar um animal que tem o sangue frio como os peixes que põem ovos nas praias sem se importarem depois com a progenie. O bacalháo, por exemplo, é provavel que não tenha affeição maternal, e se a tem pouca deve caber a cada um dos centos de milhares de filhos que tem de cada vez. Este animal é exactamente o contrario, pois é intelligente e capaz de ter affeições, por isso desejariamos que todos fizessem o possivel para que se diminuisse a crueldade que geralmente se emprega na caça d'estes pobres animaes. Os caçadores, com aquella foice em punho, espiam os pequenos, e, no momento em que as desgraçadas mães se aproximam dos filhinhos matam-nas. Os filhos são abandonados sobre o gêlo onde acabam por morrer de fome. Quanto ás mães, arrancam-lhes ali mesmo as pelles, mettem-lhes um gancho, e arrastam-nas assim para o navio. Um homem não póde arrastar mais do que duas até prez pelles de cada vez por serem muito pesadas.

Para dar uma ideia da affeição e intelligencia das mães bastará dizer que muitas vezes, quando vão em vusca de peixe, entram pelo mar largo a grandes distancias, deixando os filhos sobre um monte de gêlo. Voltam ao cabo de muitas horas, e apezar do monte ter andado leguas e mudado de aspecto e tamanho, infallivelmente o encontram.

ARNALDO DE BRESCIA

Arnaldo de Brescia, monge do seculo XII, estudou o direito romano em Bolonha, e aprendêra a dialectica em Paris com Abaillard, o doutor de Sta Genoveva. Homem energico, erudito, eloquente, de costumes irreprehensiveis, todo alma como S. Bernardo, bem cedo enchêra seu grande espirito com a bella imagem da democracia. Abaillard distingue a razão da fé, assim elle distingue o espiritual do temporal, a direcção das consciencias do gogoverno dos interesses; negando ao clero o direito de possuir feudos, aos bispos o exercicio dos direitos realengos, aos padres a propriedade, concede-lhes tão sómente a auctoridade moral e o dizimo dos fructos da terra. Passou a vida na defensão d'estas ideias; apaixonado, porém, e ardido, foi moço intolerante como aquelles a quem uma arreigada convicção domina.

A ardencia de suas predicas assombrou o orbe catholico. O bispo de Brescia expulsou o homem perigoso de sua terra natal (1139). Um concilio declarou-o heretico, expulsando-o da Italia. Homisiado na França tentou ainda no concilio de Sens (1140) defender a Abaillard, egual proscripto illustre; mas, ferido pelo anathema, que desauthorou o mestre, foge, em quanto elle, retractando-se, morre em paz no convento de Cluny (1142).

A revolução acompanhou-o no exilio.

Os homens superiores teem sempre um grande inimigo, que os escuta, os segue e persegue. Acompanha-os como a propria sombra; ouvem-n'o como se fôra o echo de suas palavras; vêem-n'o como se fôra o rastro de seus passos. Umas vezes, esse inimigo é sentimento occulto, que só a propria consciencia vê; um remorso, os ardores da ambição, as feridas da vaidade, uma grande dôr ou um grande ideal. Outras, veste uma fórma, tem um pensamento, constancia feroz na resistencia, grande tenacidade na envestida; diz-se ideia, mas é homem; chama-se direito, mas é classe; intitula-se justiça, e é interesse; tem força, eloquencia, erudição; tudo isso ás vezes é de um mundo já morto, mas que importa? — é resistencia que vence ou é vencida.

Arnaldo de Brescia encontrou este inimigo, logo que se propoz revolucionar o mundo. — Chamou-lhe o século — S. Bernardo.

Palavras vehementes como eram as do asceta santo; cartas que pareciam illuminadas de uma inspiração sobrenatural, odio improprio da caridade christã, mas peculiar de um fanatico; perseguição infatigavel — de tudo elle dispoz para amargurar o exilio do heresiarcha em França, na Suissa e na Italia. Expulsou-o de seu coração e do mundo, pedio a todos os bispos e poderes da christandade que o prendessem ou desterrassem; debalde! Apezar de seu viver errante e perseguido, ninguem houve que praticasse a obra meritoria de o carregar de ferros, *non fuit qui faceret bonum*, diz o proprio S. Bernardo (*a*).

Roma, finalmente, abrio-lhe as portas (1145).

O povo romano, embuido de suas doctrinas, havia proclamado a separação dos dois poderes; vendo de perto a emancipação das communas lombardas, emancipára-se tambem, deixando ao pontifice apenas o poder espiritual. Era então representante de S. Pedro, Innocencio II. Consumada a revolução, morreu de dôr (1144). Succedêra-lhe Lucio II; mas um dia, em que foi ao Capitolio cercado de sacerdotes e cavalleiros dispersar o senado eleito pelo povo, este deu sobre elle ás pedradas, e o pontifice cahiu ferido mortalmente (1145). Então foi offerecida a thiara ao discipulo de S. Bernardo. Eugenio III tomou posse do solio de S. Pedro, mas, obrigado a deixar á cidade o seo governo sahiu de Roma, voltando a combatel-a com as milicias de Tibur e os vasallos dos Frangipani. Na impossibilidade de vencer, reconheceu o senado, obteve a suppressão do patricio, que exercia o poder executivo e a substituição d'elle pelo seu prefeito. Mas a tregua não foi duradoura; surgiram conflictos entre as duas auctoridades. Entrementes surdiu da Suissa com tres mil montanhezes de Zurich, Arnaldo de Brescia, que era a alma da revolução. Eugenio III fugiu. Como diz um historiador moderno, o discipulo de S. Bernardo recuou diante do discipulo de Abaillard.

Então rejuvenesceu em Roma a antiga republica dos consules. Era o molde politico, em que a época vasava as suas aspirações. E em verdade só uma instituição consagrada pelo tempo podia oppôr-se ao prestigio do papado.

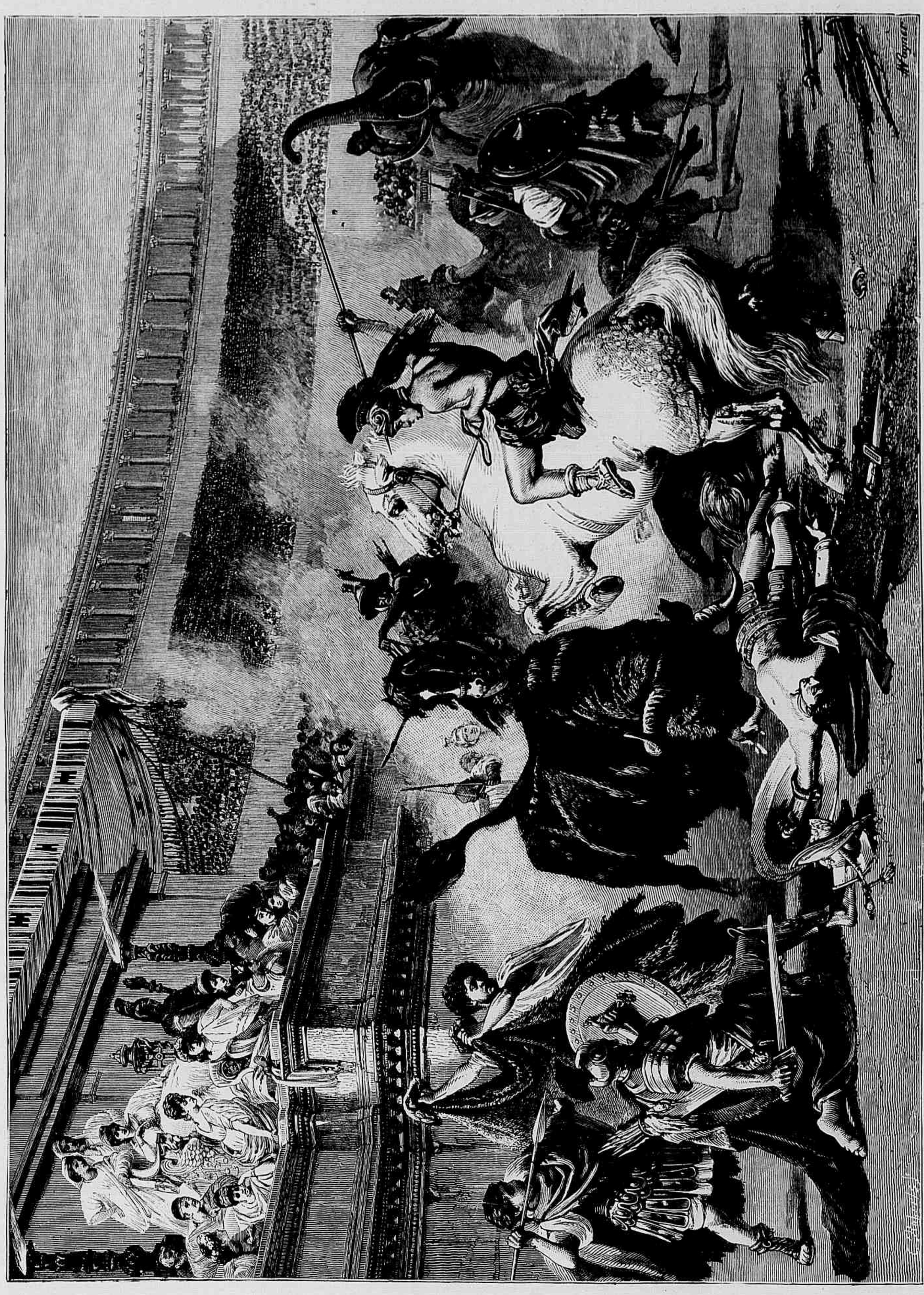
No mais acceso da lucta apparece ainda a sombra do eloquente abbade de Claraval. Mais, vêem-se as suas lettras, escuta-se a sua voz. Debalde ainda. Chora pelo imperador da Allemanha, mas a republica continua, e Eugenio III morre no exilio da cidade sancta en 1153. Succede-lhe Adriano IV. Herdeiro fiel das ideias de seos antecessores, tenta acabar de vez com a democracia romana; como porém só lhe restava um meio — o imperador da Allemanha, convidou-o a vir receber em Roma a coroa imperial.

Por morte de Conrado III, succedêra-lhe no imperio seu sobrinho Frederico de Suabia, ou antes Frederico I — Barbaroxa. A eleição d'este principe, o maior senhor feudal da Allemanha, puzéra termo á guerra civil entre *guelfos* e *gibelinos;* reunira por isso debaixo da sua bandeira as maiores casas feudaes do seu paiz. Homem de genio, como Arnaldo de Brescia ou como S. Bernardo; porém mais forte do que ambos, porque tinha em suas mãos a herança de Othon-o-Grande, e a seu favor o direito romano, que desde o começo do seculo principiára a ser estudado. Frederico-Barbaroxa, poderoso por tantos motivos, desceu á Italia convencido de que a independencia das republicas era uma revolta, e de que os privilegios das cidades eram usurpações (1154).

Surdio dos Alpes, pelo valle de Trento, á frente do mais brilhante exercito, que apparecêra na Italia. Uniram-se-lhe todos os feudatarios da Allemanha nas margem do lago de Garda. D'alli avançou até Roucaglia, onde celebrou os comicios do reino, ao uso antigo. Antes de apparecer na cidade eterna, saqueou e devastou todo o Milanez; destruio e incendiou a cidade de Tortona por ser alliada de Milão; e, depois de ter dado ás republicas este exemplo feroz do seu poder, fez-se coroar rei dos lombardos em Pavia. Em seguida entrou em Roma. Imaginando sopear a revolução, tirando-lhe o chefe, apoderou-se de Arnaldo de Brescia, e em breve um concilio, declarando-o heretico, entregou-o clandestinamente á fogueira em face do

(*a*). — *Sancti Bernardi epistolae*, 195, 196.

S. Bernardo escrevia ao bispo de Constança. — « N'elle encontrareis um homem, que intrepido offerece guerra ao clero, confiando no poder tyranico das espadas; um homem que se revolta contra os proprios bispos, e que exerce os seus furores sobre toda a ordem ecclesiastica. Sabido isto, praticarieis obra de valor, *removendo o mal d'entre vós*, como manda o preceito apostolico. Um verdadeiro amigo da igreja, antes deveria lançal-o em ferros, do que permittir-lhe a fuga, visto que quantas mais terras percorrer mais perigoso será. Nosso senhor o papa, quando esteve entre nós, assim o ordenára por escripto, receiando o mal que este homem causava; mas *ninguem houve que quizesse praticar uma boa acção*.



COMBATE DE FERAS

QUADRO DE A. WAGNER

A REZ FERIDA

QUADRO DE R. ANSDELL

Corso, onde elle tinha proclamado a liberdade do povo (1155).

O municipio, porém, não morreu. Desde Arnaldo de Brescia até Cola di Rienzo (1347) foi um dos mais independentes das cidades italianas.

As ideias do celebre agitador tambem não tinham morrido. A perseguição, que lhe movêra o orbe catholico, foi para ellas o grande elemento da publicidade. O proscripto andava vagabundo com a sua doctrina, e, por vezes, a ensinava publicamente. Nem isto deve admirar. No seculo XII o ensino era livre; os professores fundavam escholas, ou nos grandes emporios da civilisação, ou nos mosteiros isolados. A mocidade do tempo abandonava as cidades e castellos, para ir sentar-se nos bancos das escholas a escutar a palavra dos mestres. D'alli sahiam os paladinos da ideia, em procura de escholas rivaes, onde combatessem, nas luctas do pensamento, a outros campeões famosos. Abaillard, esse grande vulto do seculo XII, na carta que dirige a um amigo, *Historia calamitatum suarum*, descreve fielmente esse grande torneio da dialectica, essa propaganda das ideias, movimento febril e apaixonado de uma época, que sente em si o Genesis de um mundo novo. Elle proprio foi n'esta época um dos primeiros lidadores da sciencia; e as suas predicas, já de si eloquentes e novas, tiveram alem d'isso a celebridade da sua magestosa figura e das suas notaveis desgraças.

Lisboa, 9 de abril de 1878.

LUIZ JARDIM.

COMBATE DE FERAS

É facil acertar com a época aproximada em que se passa a scena da nossa estampa. Sem nos arriscarmos muito a errar podemos fixal-a entre o anno 14 e 68 da nossa era, nos tempos dos imperadores Tiberio, Caligula, Claudio ou Nero, em que para distrair o povo e para que désse menos attenção á tyrannia e corrupção com que era governado offerecia-se-lhe d'aquelles espectaculos. É menos provavel, pórem, que fôsse no tempo de Nero, porque este, na sua qualidade de artista, era mais affeiçoado a outras scenas, principalmente áquellas em que uma donzella nua, atada a um poste, se estorcia em quanto era dilacerada por uma féra, depois de ter assistido á agonia mortal de um irmão, de um pae ou outro qualquer defensor.

Este combate, que parece ter começado entre o toiro e o elephante passou a ser uma batalha geral entre homens e féras. As proprias Vestaes, que costumam presidir a estes espectaculos com extrema serenidade acham-no mais interessante do que de ordinario. Provavelmente a turba grita desordenadamente *Habet, Habet!* E, a ferida mortal, já o misero gladiador que jaz por terra, com certeza « tem »

A REZ FERIDA

Ansdell, author d'este quadro, foi durante a vida de Edwin Landseer o seu maior émulo. Hoje que este já não existe, a Inglaterra não possue artista algum que lhe possa ser comparado. Na pintura de animaes, em toda a Europa, tambem nenhuma outra reputação póde ser equiparada á sua.

N'este quadro são tanto para admirar a bondade cheia de tristeza do pastor, a molleza docente do pobre invalido, como o ar sagaz e fiel dos dois companheiros inseparaveis. Acontece ao bom do pastor o que acontece ás mães extremosas : o filho doente é sempre o mais estimado, é o que merece mais carinhos e é aquelle cuja falta, mais do que a de nenhum outro, não póde ser surppida.

FEDERIGO

Era uma vez um fidalgo, chamado Federigo, formoso, elegante, cortez e generoso, mas dissoluto de costumes, pois se entregava com paixão excessiva ao jogo e ao vinho, ao jogo principalmente. Não sabia o que fôsse religião, nunca se confessára, e se frequentava as igrejas, era só para procurar novas occasiões de peccar. Com as suas artes, arruinou uma vez ao jogo doze filhos-familias, que, desesperados, deram em malandrinos e morreram todos sem confissão n'uma grande briga outra os *condottieri* do rei de Napoles. Mas o maldito perdeu tambem dentro em pouco quanto tinha tão mal ganhado, e ainda por cima todo o seu patrimonio, restando-lhe apenas um casebre sumido na serra da Cava, para onde se retirou, querendo esconder aos olhos do mundo a miseria em que tinha caído.

Durante mais de trez annos viveu n'aquella solidão, passando os dias a caçar e as noites a jogar a bisca com os caseiros. Foi n'uma d'essas noites, ao recolher a casa depois d'uma das suas melhores caçadas, que lhe bateu á porta Jesus Christo, acompanhado dos seus doze apostolos, a pedir pousada. Federigo era generoso : ficou contentissimo por lhe apparecerem tantos convivas, justamente em occasião em que lhes podia offerecer uma ceia lauta. Mandou entrar os peregrinos, fêl-os sentar á meza, pedindo ao mesmo tempo mil desculpas de os não tratar como desejava e como elles mereciam.

— Contentar-nos-hemos com o que houver, disse Nosso Senhor : só o que lhe pedimos é que mande apromptar quanto antes a ceia, pois é já tarde e este amigo (apontando para S. Pedro) está morrendo de fome.

Federigo deu as suas ordens ao caseiro, e caprichando em offerecer aos seus hospedes mais alguma coisa alem da caça, mandou matar um cabrito, o unico que lhe restava, e assal-o no espeto.

Veio a ceia. Todos a acharam excellente, mas Federigo não podia encobrir o pezar que lhe causava não ter outro vinho melhor para offerecer a tão altos personagens.

— Senhor, disse elle a Jesus Christo, é bem inferior este vinho, mas rogo-vos que o acceiteis attendendo á boa vontade com que o offereço.

— Nosso Senhor provou o vinho e respondeu :

— De que é que vos queixaes? Este vinho é excellente. Aqui está este amigo (apontando para S. Pedro) que o póde dizer.

São Pedro provou então o vinho, declarou que o achava optimo e fez com elle uma saude ao dono da casa.

Federigo, ainda que tomava o que lhe diziam do vinho como pura cortezia, não poude deixar de corresponder á saude : mas qual não foi a sua surpreza ao achar este vinho superior a quantos dos mais finos e delicados tinha bebido no tempo da sua opulencia : reconheceu, por este milagre, a presença do Redemptor, e levantando-se immediatamente da mesa, como confessando-se indigno de comer em tão santa companhia. Mas Nosso Senhor mandou-o sentas-se, e elle teve que obedecer. Depois da ceia, durante a qual tinham servido á mesa o caseiro e sua mulher, levantou-se Jesus Christo e retirou-se com os Apostolos para o aposento que lhes havia sido preparado. Federigo ficou ainda á mesa, jogando a bisca com o caseiro, segundo o seu costume, e acabando de beber o que restava do vinho milagroso.

No dia seguinte pela manhã, reunidos os santos viageiros na salla de entrada, disse Jesus Christo a Federigo :

— Estamos satisfeitissimos com o acolhimento que nos fizeste, e temos resolvido dar-te uma recompensa. Pede trez coisas, que mais desejes, e todas trez te serão concedidas, pois todo o poder nos foi dado no ceu, na terra e nos infernos.

Federigo tirou da algibeira um baralho de cartas, que nunca o deixava, e respondeu :

— Senhor, concedei-me que sempre que eu jogar com estas cartas ganhe infallivelmente.

— Eu t'o concedo! Disse Jesus Christo.

Mas S. Pedro, que estava ao pé de Federigo, reprehendeu-o severamente, dizendo-lhe em voz baixa :

— Miseravel peccador! Pois não te lembras que tens uma alma? A salvação da tua alma é que tu devias ter pedido ao Senhor.

— É coisa que pouco cuidado me dá, respondeu Federigo.

— Ainda tens duas graças, que pódes pedir, continuou Jesus Christo.

— Senhor, tornou Federigo, já que é tão grande a vossa bondade, concedei-me que quem quer que subir áquella larangeira, que ali está, defronte da porta, não possa depois descer sem minha licença.

— Eu t'o concedo! disse Jesus Christo.

O apostolo São Pedro não poude deixar de reprehender de novo o endurecido peccador, exclamando :

— Ó coração empedernido! Pois não temes o Inferno, que pelos teus crimes tens merecido? Pede ao Senhor, pede, que ainda é tempo, um logar no Paraizo...

— Não tenho pressa, respondeu Federigo, affastando-se do apostolo.

— Falta ainda a terceira graça, continuou Nosso Senhor. Que mais desejas?

— Desejo que quem quer que se assentar n'aquelle escabello, que ali está ao lado da chaminé, não possa levantar-se sem minha licença.

Concedeu-lhe Nosso Senhor ainda esta ultima graça e partio com os seus discipulos.

Ainda a santa companhia não tinha virado costas e já Federigo, sentado á meza com o caseiro, experimentava a virtude das cartas, jogando com elle uma partida de bisca. Trez vezes a seguir ganhou, sem mesmo se dar ao trabalho de olhar para o jogo. Assim que se convenceu de que era infallivel aquella virtude, partio sem demora para Napoles, entrou na primeira hospedaria da cidade e alugou os melhores quartos. Correu logo pela cidade a noticia da sua volta, e os seus antigos companheiros da extravagancia vieram em chusma comprimental-o.

— Já te julgavamos perdido para sempre, exclamava don Giuseppe : até havia quem dissesse que te tinhas feito ermitão.

— E tinha razão quem tal dizia, respondeu Federigo.

— Mas por onde andaste? O que tens feito? Ha trez annos que ninguem sabe de ti.

— Passei todo este tempo em oração, tornou Federigo com ar devoto; e aqui está o meu Breviario, acrescentou, tirando da algibeira o maravilhoso baralho.

Este gracejo foi recebido com uma gargalhada universal, e todos ficaram convencidos de que Federigo havia reconquistado a fortuna, viajando por paizes estrangeiros, á custa de jogadores menos habeis do que os que o rodeavam n'este momento, e que impacientes procuravam a occasião de novamente o arruinarem. Varios propuzeram que, sem mais demora, se começasse a jogar. Mas Federigo pedio-lhes para esperarem até á noite, pois desejava antes offerecer-lhes de jantar.

Este jantar, escusado é dizel-o, foi mais alegre do que o dos Apostolos : é verdade que os vinhos eram apenas malvazia e lacryma-christi; mas os convivas, á excepção d'um, não conheciam vinho melhor.

Federigo tinha-se cautelosamente munido d'outro baralho, em tudo semelhante ao primeiro, para poder, em caso de necessidade, substituir um pelo outro, e desvanecer, perdendo de vez em quando uma partida, qualquer suspeita que podesse nascer no espirito dos parceiros. Metteu um dos baralhos na algibeira direita e o outro na esquerda.

Acabado o jantar, sentou-se toda a companhia em volta da meza do jogo. Federigo começou por apresentar o baralho profano e fixou o preço de cada partida n'uma certa somma, que não se devia alterar em quanto durasse o jogo. Querendo então conhecer a medida das proprias forças, jogou com a maior attenção as duas primeiras partidas, e perdeu-as ambas, não sem um secreto desgosto. Mandou em seguida vir vinho e, em quanto os parceiros bebiam e conversavam distraídos, aproveitou este momento para trocar disfarçadamente os baralhos.

Começou-se a terceira partida com as cartas bentas, e Federigo, que certo agora de ganhar, já não precisava prestar attenção ao jogo, passou a observar o dos outros e achou-o desleal. Esta descoberta causou-lhe grande prazer. Podia, sem escrupulos de consciencia, esvasiar as bolsas de parceiros tão desleaes. Via agora que a sua ruina havia sido obra da fraude, não da pericia ou da fortuna. Podia tambem formar melhor conceito da sua pericia relativa. A estima de si mesmo e a certeza da vingança e do ganho são trez sentimentos bem gratos ao coração do homem. Federigo experimentava agora todos trez ao mesmo tempo. Mas, ao recordar-se da opulencia passada, lembrou-se dos doze desgraçados filhos-familias á custa dos quaes se havia enriquecido : e, considerando que aquelles pobres moços eram talvez os unicos jogadores honestos que tinha conhecido, arrependeu-se pela primeira vez de os ter espoliado. O remorso obumbrou-lhe o semblante e foi com um profundo suspiro que ganhou a terceira partida.

A esta seguiram-se varias outras, ganhando Federigo quasi todas, de sorte que só n'esta primeira noite tirou para pagar á hospedaria durante muitos mezes. Por ora era quanto lhe bastava : os parceiros despediram-se cabisbaixos, mas promettendo voltar no dia seguinte.

No outro dia e nos seguintes, soube Federigo ganhar e perder tanto a tempo, que em breve se vio senhor d'um cabedal consideravel, sem que ninguem fôsse capaz de suspeitar a causa occulta de tão extraordinaria fortuna. Comprou então um grande palacio, onde passou a viver, dando de vez em quando banquetes e saraus esplendidos. Saboreavam-se á sua meza os manjares e os vinhos mais delicados, disputavam entre si as mulheres mais formosas um olhar seu, e o palacio de Federigo tinha por toda a parte a reputação de ser o centro da elegancia e dos prazeres.

Assim se passou um anno, no fim do qual resolveu Federigo completar a sua vingança, reduzindo á miseria os principaes fidalgos da capital. Convidou-os pois com oito dias de antecedencia, para um festim extraordinario, que annunciou como devendo exceder tudo quanto tinham visto até ali, e que se terminaria com uma partida de jogo gigantesca. Foi o mesmo que dizer-lhes que juntassem quanto dinheiro tinham : os que se achavam sem elle empenharam aos usurarios bens, propriedades, baixellas e joias — de tal sorte que todos os haveres da fidalguia napolitana se reuniram n'uma só occasião debaixo das mãos de Federigo, que, escusado é dizel-o, os absorveu em poucas horas de jogo verdadeiramente infernal.

N'essa mesma madrugada, Federigo saío de Napoles, levando comsigo toda aquella riqueza prodigiosa.

A sua regra, d'ahi por diante, foi de nunca jogar senão com parceiros de má fé, para pôr a salvo a consciencia. Percorreu d'este modo as principaes cidades do mundo, jogando por toda a parte, ganhando sempre, e gosando onde se achava do que havia de melhor nas terras.

Entretanto, a lembrança das suas doze victimas pairava-lhe de continuo diante do espirito e envenenava-lhe toda a alegria. Resolveu, a final, livral-as ou perder-se com ellas.

Tomada esta resolução, partio caminho do Inferno, com um bordão na mão e um sacco ás costas, e sem mais escolta do que a sua galga predilecta, que se chamava Marchesella. Chegando á Sicilia, trepou ao monte Gibel, desceu depois ao interior do volcão, a uma profundidade ainda maior do que é a altura da montanha sobre o mar. Uma vez ali, quem quer ir ter com Plutão tem de atravessar um grande pateo, a que está de guarda Cerbéro. Federigo atravessou com difficuldade, em quanto Cerbéro se entretinha a brincar com a galga, e veio bater á porta de Plutão.

Conduzido á sua presença, perguntou-lhe o rei dos abysmos :

— Quem és tu?

— Sou o jogador Federigo.

— E que diabo vens tu cá cheirar?

— Plutão, se achas que o primeiro jogador do mundo é digno de jogar comtigo a bisca, eis aqui o que eu te proponho : jogaremos quantas partidas quizeres; se eu perder uma só, será o bastante para a minha alma te ficar pertencendo; mas, se fôr eu quem ganhar, terei o direito de escolher entre as almas que povôam os teus dominios, uma por cada partida que ganhar, e de as levar comigo.

— Vá feita, respondeu Plutão, e mandou que lhe trouxessem um baralho.

— Aqui está um, disse Federigo, tirando da algibeira as cartas milagrosas.

E começaram a jogar.

Federigo ganhou a primeira partida, e pedio a Plutão a alma de Stefano Pagani, um dos doze que elle queria salvar. Foi-lhe entregue e metteu-a logo no sacco. Continuaram a jogar, e Federigo continuou ganhando sempre, até chegarem a uma duzia de partidas, e a cada uma recebia Federigo uma alma, que ía mettendo para o sacco.

— Não sei, disse elle então a Plutão, se ainda queres jogar mais.

Plutão, que se aborrecia de perder sempre, declarou que estava satisfeito, e Federigo, sem mais ceremonia, poz o sacco ás costas, com as doze almas, que tinha ganho, e aballou pela porta fóra. Plutão mal o vio pelas costas, deu ordem para que fechassem bem a porta, e que nunca mais lh'a abrissem, se elle voltasse.

Federigo atravessou de novo o pateo, sem difficuldade, porque Cerbéro continuava entretido a brincar com a galga, e depois de muitos trabalhos achou-se outra vez no cimo do monte Gibel. Chamou então por Marchesella, e desceu para o lado de Messina, causando-lhe mais contentamento esta conquista espiritual do que todas as suas victorias mundanas. Chegado a Messina, embarcou para a Sicilia, tendo resolvido acabar a sua carreira no velho solar do monte Cava.

. . . . . .

Decorridos trinta annos (tinha então Federigo setenta) apresentou-se-lhe a Morte e advertio-o que puzesse em ordem a consciencia, porque era chegada a sua hora...

— Estou prompto disse o moribundo, mas antes de me levares comtigo, ó Morte, supplico-te que me apanhes uma laranja d'aquella larangeira, que ali está defronte da porta. Concede-me ainda este prazer, e morrerei contente.

— Se é só isso o que desejas, não tenho duvida em te fazer a vontade, disse a Morte.

E trepou á larangeira, para colher a laranja. Mas quando quiz descer, vio que não podia, por mais esforços que fizesse.

Ah! Federigo, exclamou ella, enganaste-me! estou agora em teu poder! Mas dá-me a liberdade e prometto-te ainda dez annos de vida.

— Dez annos! respondeu Federigo desdenhosamente. Olhem que grande coisa! Trata de ser mais liberal, minha amiguinha, senão não te deixo descer.

— Dou-te vinte.

— Estás brincando!

— Dou-te trinta.

— Vai andando, que ainda falta muito.

— Aposto que queres viver mais um século?

— Nem mais nem menos.

— Federigo, isso não é rasoavel.

— Então que queres? gosto da vida.

— Pois seja, vejo que não ha outro remedio, viverás mais cem annos.

Federigo deixou-a então descer.

Assim que a Morte se foi embora, levantou-se Federigo, remoçado, cheio de saude, e começou uma vida nova, com a força d'um moço e a experiencia d'um velho. Pouco se sabe d'esta sua segunda existencia senão só que continuou a satisfazer todos os seus apetites, principalmente os carnaes, e importando-se ainda menos do que d'antes com a salvação da sua alma.

Passaram finalmente os cem annos. A Morte veio de novo bater-lhe á porta e encontrou-o na cama.

— Estás prompto? perguntou ella.

— Mandei chamar o confessor, respondeu

OS AMANTES

DESENHO FEITO Á PENNA POR CARLOS GUSSOW

Federigo; senta-te ahi á lareira, em quanto elle não chega. Deixa-me receber a absolvição, e seguir-te-hei até á eternidade.

A Morte, que era boa pessoa, foi sentar-se no escabello e esperou. Passada uma hora sem ver chegar o confessor começou a aborrecer-se, e exclamou :

— Velho, é a segunda vez que venho buscar-te e nunca te encontro prompto. Ha um século que te não vejo, e ainda não tiveste tempo de pôr em ordem a consciencia?

— Tinha mais que fazer, respondeu o velho em tom de escarneo.

— Pois bem, volveu a Morte, indignada com tanta impiedade, sabe que te não resta um minuto de vida!

— Ora adeus, já conheço por experiencia quanto tu és condescendente, e estou convencido que ainda d'esta vez me concederás mais alguns annos de vida.

A Morte, entretando, fazia esforços baldados para se levantar do escabello. Mais alguns annos miseravel mais alguns annos! exclamava ella, e redobrava de esforços inuteis.

— Certamente : mas fica socegada, que d'esta vez hei de ser menos exigente : não quero tornar a ser velho e contentar-me-hei com quarenta annos...

A Morte comprehendeu finalmente que um poder sobrenatural a impedia de se levantar do escabello, como outr'ora de descer da larandeira : mas, furiosa, não queria ceder.

— Conheço um meio de te fazer chegar á razão, disse Federigo serenamente, e mandou deitar um molho de lenha na lareira.

O fogo lavrou rapidamente, o calor abrasava, e a Morte debatia-se desesperadamente sobre o escabello.

— Piedade! piedade! bradava ella : prometto-te quarenta annos de vida.

Federigo solveu então o encantamento e a Morte, meia chamuscada, deitou a fugir como uma doida.

Passaram os quarenta annos. Voltou a Morte a buscar o nosso homem. D'esta vez esperava-a elle a pé firme, com um sacco ás costas.

— Chegou a tua hora, d'esta feita! exclamou ella, entrando precipitadamente. Agora não ha que temporisar. Mas para que é esse sacco?

— Guardo dentro d'elle as almas de doze jogadores meus amigos, que n'outro tempo remi do Inferno.

— Pois hão de voltar comtigo para lá!

E, dizendo isto agarrou Federigo pelos cabellos, atirou-se pelos ares fóra, cortou para o sul e sumio-se com a sua preza nos abysmos do monte Gibel. Chegada á porta do Inferno, bateu trez pancadas.

— Quem é? perguntou Plutão.

— Federigo, o jogador, respondeu a Morte.

— Não abro, exclamou Plutão, que ainda se lembrava das doze partidas de bisca que tinha perdido. Vá para onde quizer, mas cá é que elle não torna a vir ganhar-me as minhas ricas alminhas!

Em vista d'esta recusa de Plutão, a Morte transportou o seu prisioneiro para a porta do Purgatorio. Mas o anjo, que ali está de guarda, recusou-lhe formalmente a entrada, pois logo conheceu que tinha morrido em peccado mortal.

Não houve pois mais remedio, por muito que á Morte lhe pezasse, senão dirigir a caravana das treze almas para as regiões celestes.

— Quem és tu? perguntou S. Pedro a Federigo, quando deu com elle sentado á porta do Paraizo.

— Sou aquelle Federigo, que uma vez vos offereceu hospitalidade e em casa de quem ceiastes ha perto de duzentos annos.

— E tens o atrevimento, exclamou S. Pedro, de te apresentares aqui no estado em que te vejo? não sabes que o ceu não se fez para gente da tua especie? como assim! tu, que nem siquer mereces entrar no Purgatorio, tens a ousadia de reclamar um logar no Paraizo !

— São Pedro, observou Federigo, foi assim que eu vos recebi, quando, em companhia do Divino Mestre, viestes bater á minha porta, pedindo agasalho?

— Está bom, está bom, respondeu S. Pedro, com tom reprehensivo, mas sensibilisado ; eu é que não tomo a responsabilidade de te deixar entrar. Vou expor o caso a Jesus Christo : veremos o que elle decide.

Nosso Senhor, advertido do que passava, chegou á porta do Paraizo, onde encontrou Federigo ajoelhado, no meio das doze almas, seis de cada lado. Teve dó d'elle e disse-lhe :

— Vá lá por esta vez! podes entrar. Mas has de entrar tu só. Quanto a estas almas, que o Inferno reclama, não posso, em consciencia, dar-lhes logar no ceu.

— Ó Senhor! exclamou Federigo, pois quando tive a honra de vos receber em minha casa, não vinheis vós acompanhado por doze viajantes, e não os recebi eu todos e a todos dei hospedagem da melhor vontade?

— Não ha meio de resistir a este demonio, disse Jesus Christo. Entrem pois todos, já que aqui estão. Mas olhem lá, é escusado irem agora gabar-se. Não quero maus exemplos.

PROSPER MÉRIMÉE.

OS AMANTES, POR CARLOS GUSSOW

Este artista começou os seus estudos na Academia de Saxe-Waimar em 1862, onde depois de ter obtido os maiores premios, foi nomeado professor tendo vinte e seis annos de idade. Quatro annos mais tarde era nomeado professor de *Figura* na Academia Ducal de Carlsruhe em Baden. Durante a sua estada ali, que durou dois annos produzio alguns dos seus mais notaveis quadros. Aos trinta e dois annos, em 1876, depois de ter ganho a medalha d'oiro da Academia Real de Berlim, foi nomeado professor da mesma Academia, que é a mais alta distincção a que póde chegar um artista allemão. É este o posto que occupa actualmente ao lado dos seus dois brilhantes collegas, Werner e Knaus.

O desenho que representa a nossa gravura é feito por elle proprio com penna e tinta e é copia de um dos trez quadros do mesmo author que o Imperador da Allemanha escolheu para serem enviados á recente Exposição de Paris.

Em duas palavras se póde fazer o elogio do quadro : é uma verdadeira comedia desenhada em dois traços, admiravel de verdade e de expressão.

UMA EXECUÇÃO NA CHINA

Acabava eu de almoçar, na especie de tugurio aquatico que me serve de habitação, quando entrou L... precipitadamente, dizendo :

— Ha hoje uma execução capital em Nan-hi : quer vir comigo ver?

Uma execução não é coisa rara em Cantão : decapitam-se ali uns annos por outros, 2000 a 2500 criminosos, ou suppostos taes, sem fallar nos innumeraveis que succubem á tortura no decurso dos interrogatorios. Mas estas carnificinas teem logar ordinariamente d'um modo summario e como que improvisado, de sorte que é pouco frequente que os Europeus possam assistir a ellas, e residentes de doze annos conheço eu, que não conseguiram ainda assistir a um d'estes sanguinosos espectaculos. Mas o meu amigo L... habita Cantão ha perto de quinze annos e falla o chinez como um filho do Celeste Imperio, tem altas relações, ao que parece, e cuidou ser-me agradavel offerecendo-me o que elle chamava « uma occasião unica ».

No primeiro momento, devo dizel-o, pareceu-me a proposta pouco tentadora. Hesitei porém em recusar, movido pelo desejo de ver de perto, e maximamente em companhia d'um *cicerone* tão competente, os promenores d'essa justiça chineza, ácerca da qual me haviam contado e tinha lido coisas, que, por monstruosas, estava em tachar de phantasiadas.

— Vamos pelo menos até á cadeia, disse eu : e partimos.

Nan-hi acha-se situado no proprio centro da cidade chineza, a boa distancia da feitoria européa. Das duas prisões de Cantão é esta a principal. Nada mais funebre do que os arredores d'este antro : rodam-lhe em volta figuras macilentas, andrajosas, esqualidas, que trazem ao pescoço uma gargalheira de ferro e arrastam uma grilheta a que anda preza uma pedra de grande peso. Caminham lentamente pelo meio dos transeuntes, mendigando ou exercendo ás vezes alguns misteres insignificantes.

A prisão consiste n'uma serie de edificios, que circundam um vasto pateo, no fundo do qual se encontra a porta reservada para os mandarins e a que dá entrada para as duas salas em que se administra a justiça. — Que justiça! — Sobre o pateo dão as enxovias, verdadeiras jaulas, onde esperam a sua sorte centenares de accusados, a monte n'um espaço estreitissimo, cheios de frio, de fome e de immundicie. Porque n'esta terra não ha outra especie de prisão senão a preventiva e a maior das vezes os condemnados a penas afflictivas, unicas em vigor, são sustentados pela caridade publica. Curem dos patifes os que teem dó d'elles! tal é a maxima adoptada.

O aspecto d'essas enxovias é repugnante e pungente ao mesmo tempo : apparecem por entre as grades figuras espectraes, vêem-se braços descarnados que se estendem a pedir uma esmola, agitam-se lá dentro vagamente fórmas humanas, e da escuridão saem ruidos de cadeias e cheiros nauseabundos. Não é melhor a prisão das mulheres : e, o que é mais horrivel, muitas vezes raparigas e mulheres innocentes são ali mettidas, como refens, até que a justiça tenha dado com os irmãos ou maridos accusados de algum crime e que andam fugidos.

Mostraram-me, n'uma especie de jaula, uma mulher que parecia ter coisa de quarenta annos.

— Esta envenenou o marido, disse-me L..., e foi condemnada a ser cortada viva em trinta e quatro bocados : é uma especie de supplicio muito frequente.

E acompanhava a explicação com um gesto muito expressivo, que á desgraçada porém não

pareceu causar grande impressão : estendeu-nos a mão, démos-lhe algumas sapecas e passámos adeante.

Ao lado da enxovia destinada aos condemnados á morte, ha um recanto onde se escondem espiões, para escutarem o que dizem os prezos nas suas conversas, com o fim de surprehenderem alguma revelação, que indique á justiça a existencia de mais culpados.

Por de traz das grades olhavam para nós vinte ou trinta individuos esfarrapados e macilentos.

— Porque é que estás aqui? perguntou L... a um dos condemnados.

— Levantaram-me um falso testemunho, respondeu elle.

Os outros prezos largaram a rir, bestialmente.

— Matou para roubar, disse um d'elles, mas não quer confessar.

— Estes não são os nossos, os d'hoje, observou L...; estes ficam guardados para outra fornada... mas vamos ver a salla da audiencia.

Entrámos. Uma salla quadrada, dividida em trez secções por duas fileiras de balaustres; á direita e á esquerda soldados e empregados; sentados a uma meza, coberta com um tapete, quatro mandarins dos que usam a insignia da penna de pavão, e, deante d'elles, nu até á cintura e ajoelhado, um homem, junto do qual estava postado e immovel um soldado, com um bambu na não : tal era o aspecto do tribunal.

O reu estava sendo interrogado : tinha já recebido uma boa dose de cacetadas de bambu, que lhe haviam deixado as costas em carne viva : tratava-se de o obrigar a confessar o crime de que era accusado. Ficou-me gravada na memoria a figura do mandarim, que o interrogava. Nunca vi cara de expressão tão friamente cruel : olhinhos obliquos, labios delgados e contraídos, queixo agudo, fronte saliente, tudo isto lhe dava um ar de gato e de hyena. Comprehendi, vendo-o, o adagio chinez que diz que mais vale atirar-se a gente d'uma torre de sete andares, do que caír nas mãos dos mandarins...

— Confessas, por conseguinte, dizia o juiz, com uma voz de falsete, que estavas presente na occasião do crime. E fulano não se achava tambem presente?

— Sim, tambem lá estava, respondeu o reu.

— E sicrano?

— Tambem.

— Quem eram os outros?

— Não vi mais ninguem.

— Havia ainda outros.

— Não sei. Não vi mais ninguem.

O mandarim fez um signal. O soldado, que estava ao pé do reu, agarrou-lhe pelos cabellos e o bambu caío repetidas veixes sobre as costas do desgraçado.

— Matem-me! matem-me! bradava o misero! não vi mais ninguem!

— Persistes? insistio o mandarim; e fez novo signal. O soldado aproximou-se da columna a que estavamos encostados. Só então dei pelos instrumentos, que ali estavam pendurados, e que a principio me tinham escapado.

Reconheci-os facilmente, pois mais de uma vez me haviam feito descripção d'elles. Eram instrumentos de tortura. Tenazes e pinças de differentes tamanhos e feitios, tagantes, bambus, e finalmente um maço de madeira, que serve para quebrar os tornozelos. Foi este ultimo instrumento que o soldado escolheu. Mas não foi preciso usar d'elle, porque o accusado, cheio de terror, começou a fallar com extraordinaria volubilidade, confessando quanto d'elle se exigia e citando uma multidão de nomes, provavelmente ao acaso.

Repugnou-me este ignobil espectaculo e dispunha-me a retirar-me, quando se levantou grande burburinho do lado da porta e vi entrar, todo risonho, um homem corpulento, que parecia ter uns cincoenta annos, revestido com as insignias de mandarim de botão de oiro.

Levantaram-se os outros immediatamente, adeantando-se a receber o personagem, e durante bons cinco minutos pude assistir ao espectaculo gravi-comico das cortezias de estylo entre mandarins, ceremonial pueril, que tem o nome de *tchin-tchin*.

Depois d'esta chuvada de cortezias, o mandarim, que parecia ter vindo simplesmente para comprimentar e despedir-se dos collegas, saío magestosamente pela porta principal, em quanto os juizes retomavam, com os seus logares, o ar glacial e impassivel que faz parte do cargo.

— Este é o que preside ás execuções, disse-me L... ao ouvido : quer vir d'ahi?

Confesso que tive um calafrio. Se o que eu já conhecia do processo chinez me causava horror, o que seria da execução? Fiz todavia um esforço, resolvido a ver tudo até ao fim.

Saimos. O pateo estava cheio de gente : soldados fardados de amarello e armados com alabardas en fórma de meia lua, cavalleiros de barrete verde, montados em poneys côr de café com leite, uma rica cadeirinha trazida por seis coolies vestidos de encarnado, guardasoes, pendões, tocadores de gong, n'uma palavra, todo o cortejo d'um grande mandarim, e no meio de tudo isto, sentados dentro de cestos, com ferros nos pulsos e cabisbaixos, uma duzia de homens esfarrapados : eram os condemnados que esperavam pelo momento da partida.

D'instante para instante traziam outros : um official de policia os fazia sair, a um por um, da proxima enxovia : os carcereiros faziam-nos sentar dentro dos taes cestos,, suspensos a um bambu e levados cada um por dois coolies : um letreiro, pendurado por de traz ao pescoço do paciente, indicava o nome e a idade : outro letreiro, pregado á ponta d'um pau, rezava do crime e da sentença de morte, proferida « em nome do imperador ». Era d'este feitio que os condemnados deviam ser conduzidos ao logar do supplicio, que ficava d'ali a uma boa distancia.

Démo-nos pressa em entrar para as nossas cadeirinhas : o cortejo desfilava já e ouviamos a traz de nós o som estridente dos gongs e a gritaria dos soldados abrindo caminho pelo meio da multidão.

Eu estava possuido d'uma impressão abominavel : aquella justiça atroz, este cortejo ignobil, estes homens levados dentro de cestos, como rezes conduzidas ao matadouro, toda esta funebre mascarada me causava um sentimento de horror e de nojo.

Entretanto os nossos coolies trotavam ligeiros, gritando e atropelando os transeuntes, que lhes respondiam com pragas. Em menos de um quarto de hora estavamos chegados ao logar do supplicio. Era uma praça triangular, tendo um muro alto d'um lado e do outro varios casebres. Os habitantes d'este sitio sinistro gozam do privilegio da isenção de imposto; são todos oleiros; de aspecto miseravel em extremo, parecem perfeitamente indifferentes ao que se passa de vez em quando n'aquelle recinto, que em tempos ordinarios lhes serve para pôrem ali a seccar os potes e panellas que fabricam. Quando ali chegámos estava o centro da praça occupado por uma grande porção de potes, que um velho retirava apressado, para deixar livre o espaço necessario.

Á primeira vista, nada mais placido e innocente do que esta praça dos oleiros : mas, ao olharmos para o lado do muro, horror!.. Que vimos nós? Um montão de caveiras, caixas cheias de cal virgem, onde apparecem ossos meio descarnados, cruzes ainda guarnecidas de cordas ensanguentadas...

— É sobre aquellas cruzes que são amarrados os condemnados, para soffrerem a tortura, disse-me L... Muitas vezes cortam-nos em bocadinhos, começando pelas palpebras, o nariz, os beiços e finalmente os braços e as pernas... vê aquelle homem baixo e grosso, de mangas arregaçadas, que tem um cutello na mão? É Ah-Fong, o carrasco. Ali onde o vê é um personagem. Cada cabeça que corta rende-lhe meio dollar : é um bom logar...

N'este momento entravam em tropel na praça precedidos pela multidão, os coolies esbaforidos com a sua carga humana. Ah-Fong mandou tirar dos cestos os condemnados. Contei-os. Eram vinte e quatro.

Os ajudantes do carrasco conduziram-nos para o meio da praça e fizeram-nos ajoelhar em fila, dois a dois, com a cabeça baixa e o pescoço estendido. Feito isto, esperou-se pelo mandarim, que devia presidir á execução.

E o mandarim sem chegar!

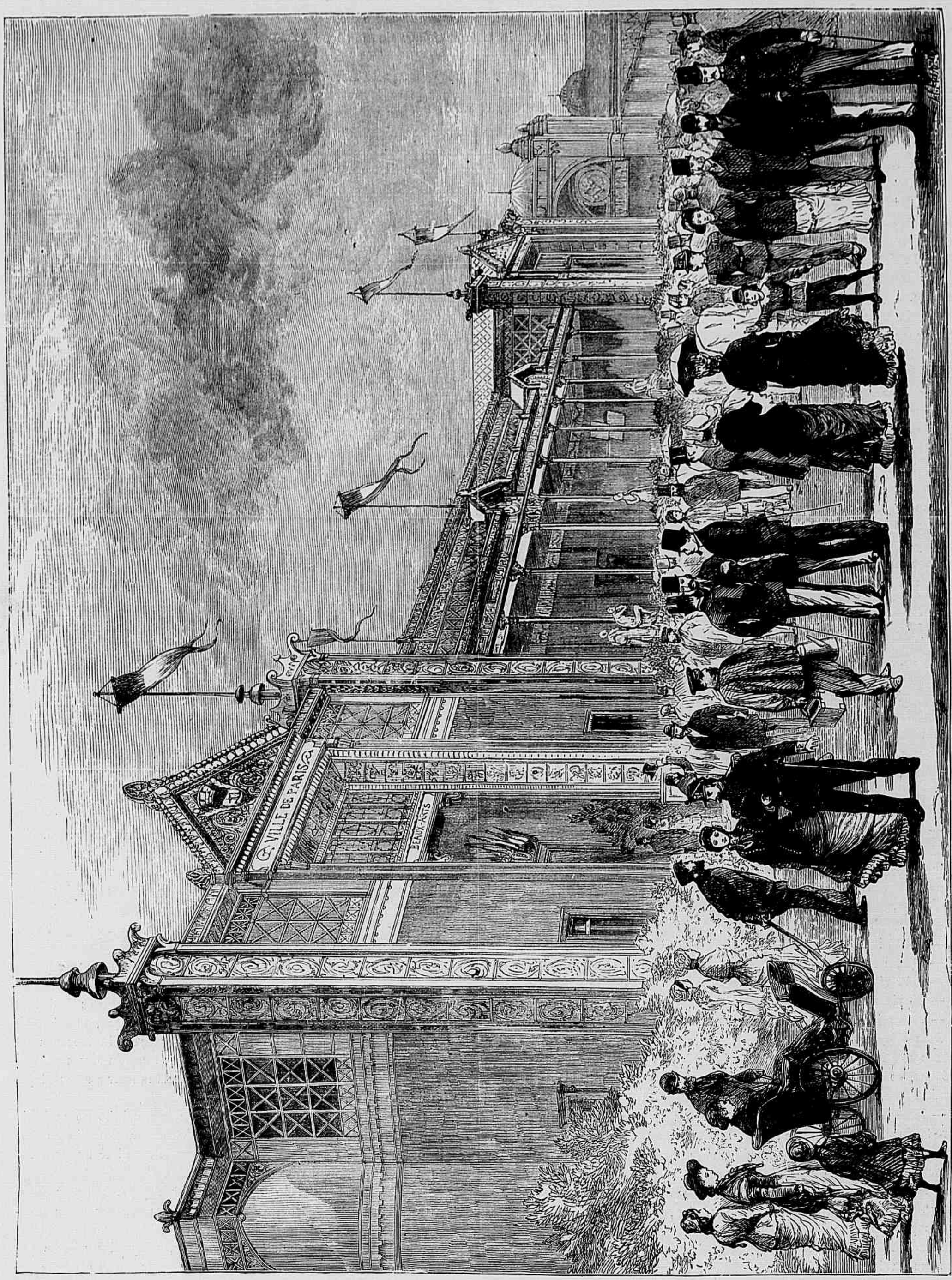
Passaram assim mais de dez minutos. Durante este intervallo o carrasco passeava examinando o fio do cutello e os condemnados continuavam de joelhos, estendendo o pescoço.

Quem póde imaginar o que se passaria na cabeça d'aquelles vinte e quatro desgraçados durante estes dez séculos de espera? Era a tortura moral ajuntada sem motivo, por acaso, por negligencia, ao supplicio do corpo. E o horror d'aquella disposição, em que cada um d'estes homens, de joelhos uns atraz dos outros, é obrigado a assistir á execução dos que o precedem, e a ver caír adeante de si todas aquellas cabeças, que a sua tem de seguir dentro em poucos momentos!

Pois bem, examinei attentamente aquelles homens, tentando ver n'aquellas faces amarellas um sentimento, uma impressão : de balde! em nenhum devisei a commoção, o medo ou o pezar : em todos resignação, indifferença ou apathia. Notei dois que continuavam socegadamente a mascar betel! morrer a mascar! que ironia!

A final houve um burburinho no meio da multidão, que se affastou para um lado e outro, e a cadeirinha do grande mandarim appareceu. Era o signal.

Não ouso descrever o que então se passou. Ficou-me essa lembrança como a d'um pesadello. Vejo ainda os dois carrascos levantando os cutellos sangrentos, e aquellas cabeças que saltavam para o chão ou ficavam suspensas por um bocado de carne aos pescoços dilacerados, aquelles troncos decapitados caírem inertes no meio d'um lago de sangue; vejo Ah-Fong interrompendo-se no meio da carnificina para pedir novo cutello afiado; escuto ainda o som



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — PAVILHÃO DA CIDADE DE PARIS

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — VESTIBULO DA SECÇÃO FRANCEZA DAS BELLAS-ARTES

do ferro caíndo sobre a nucas, o ruido surdo das cabeças que rolam ao chão e o grito de admiração que soltava a turba applaudindo cada golpe certeiro e firme.

Minutos depois, estava tudo acabado. No meio da praça jaziam, no meio d'um lodaçal avermelhado, 24 cadaveres mutilados, e os ajudantes do carrasco caminhavam sobre essa lama sangrenta, arrastando pelas pernas troncos maculados, ignobeis, horriveis!

N'este momento Ah-Fong, que nos tinha visto, approximou-se de nós, sorrindo, apresentando-nos os dois cutellos ainda ensaguentados e propondo-nos para que lh'os comprassemos por cinco dollars, como lembrança do que acabavamos de ver.

W.

O PAVILHÃO DA CIDADE DE PARIS

Este edificio é de ferro e tijolo e decorado com azulejos. O seu custo passou de 250.000 francos. Estão ali em exposição photographias, vistas e planos das principaes obras do Velho e NovoParis, entre os quaes merecem particular menção os modelos dos edificios da Camara Municipal de Paris (*Hotel de Ville*), referindo-se ao que existia antes do incendio da Communa e ao que está em construcção actualmente. É tambem muito interessante uma secção de Paris subterraneo, que ali se vê, mostrando a canalisação da agua, do gaz e a dos despejos. É um museo completo não só da architectura caracteristica da grande cidade em que a exposição tem logar, como tambem de muitas curiosidades que dizem respeito a Paris e que são completamente desconhecidas da maiora dos visitantes.

Dizem que a Camara Municipal de Paris tenciona aproveitar este edificio installando n'elle um Gymnasio Nacional depois do encerramento da Exposição.

VESTIBULO DA SECÇÃO FRANCEZA
DAS BELLAS-ARTES

É esta uma das avenidas tranversaes que vão das entradas principaes ás avenidas longitudinaes da Exposição. D'essas avenidas, duas são mais notaveis do que as outras. Ambas são ricamente ornadas com profusão, e decoradas a oiro e côres, o que dá á arcada uma apparencia sumptuosa. A que representa a nossa gravura é a que vae da *porta Rapp* á *avenida de la Bourdonnaye*, no meio da qual se encontra o vestibulo que dá entrada á Secção Franceza das Bellas-Artes e que é um dos mais formosos porticos de todo o edificio.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

A Comedia de Lisboa, por GERVASIO LOBATO, 1878.

Uma collecção de folhetins, uns ineditos, outros já anteriomente publicados, constitue o livro que com o titulo acima indicado publicou o Sr Gervasio Lobato.

Já conhecido como author de varias comedias recebidas com applauso, é o Sr. Gervasio Lobato, um folhetinista apreciavel pelos dotes de observação, e pelo estylo facil, agravadel e despretencioso. Nos seus trabalhos litterarios, realisa-se sempre um progresso constante, o que denota um merecimento real.

O livro é precedido de um prologo do Sr. Pinheiro Chagas, no qual o distincto escriptor apresenta segundo as regras da mais esmerada cortezia, o seu collega nas lides da imprensa, e o introduz na sala dos convivas das lettras.

É um incentivo a futuros progressos, visto que *noblesse oblige*.

As Eleições (1878), por J. P. OLIVEIRA MARTINS.

Escriptor infatigavel, é o nome do sr. Oliveira Martins, um dos que com mais frequencia apparecem nas Revistas. Habituado a pensar, e pensador distincto, preoccupam-no igualmente as questões politicas e economicas da actualidade, e os assumptos historicos de mais trancendente significação.

É o seu livrinho *As Eleições* uma critica do systema por que actualmente se fórma a representação politica, e um projecto de reconstrucção organica d'essa mesma representação

Sem entrar n'uma discussão que não caberia n'este logar, devemos apenas indicar, que, comquanto vicioso o actual systema eleitoral, e por isso em grande parte bem fundadas as arguições do livro que temos presente, houve comtudo uma razão historica para o estabelecimento d'esse systema, que essa razão ainda subsiste, e que o desenvolvimento democratico das sociedades contemporaneas se oppõe, segundo nos parece, a um agrupamento representativo, fundado em cathegorias.

É por isso que o projecto de reconstrucção do Sr. Oliveira Martins se nos figura, não um paradoxo, como elle receia, mas uma utopia, o que é muito differente.

O seu systema póde ser racionalmente logico, e não deixar de ser abstracto como uma concepção subjectiva. A *Republica de Platão* nunca foi practicavel, apezar de bem concebida.

As forças naturaes tendem em sentido differente. É n'esse que se póde actuar beneficamente, modificando e corrigindo. Promovendo uma acção distincta, ha o risco de ficar esterilisada.

O livro do Sr. Oliveira Martins é comtudo para ser lido e meditado, pelos que se interessam nos problemas sociaes.

JOÃO TEDESCHI

VARIEDADES

OS EXERCITOS E AS ARMADAS EM CASO DE GUERRA. — Agora que a Europa gosa d'uma paz quasi geral, apresentamos a seguinte estatistica, feita por um official superior do exercito francez, indicando quaes seriam em 1879, e em caso de guerra, as forças das principaes nações da Europa.

A França disporia de 1,760,000 homens; a Allemanha teria 1,671,000; a Russia 1,302,000, e a Austria 1,051,000. As outras nações reunidas não chegariam a dar um milhão de soldados.

Em tempos de paz a Russia conserva em serviço activo o maior exercito da Europa. Esta potencia tem sempre em armas 788,000 soldados. A França tem perto de 500,000, a Prussia 400,000, e a Austria 300,000.

Em forças navaes, a Inglaterra occupa o primeiro logar; tem 426 navios, dos quaes 61 couraçados. A Russia tem 223 navios, e a França vem em terceiro logar com 166 navios, dos quaes 35 couraçados. Seguem-se depois a Hespanha, que tem 135 navios; a Turquia 116; os Paizes-Baixos 86; a Italia 67, e a Prussia 55.

* * *

Um deputado inglez deu-se ao trabalho de armar a seguinte estatistica do estado matrimonial da cidade de Londres e do condado de Middlesex:

Mulheres que abandonaram os maridos. .	1,872
Maridos que fugiram das mulheres.	2,371
Pares divorciados.	4,720
Pares vivendo em guerra perpetua.	191,023
Esposos que se odeiam reciprocamente, e que o encobrem em publico.	162,300
Esposos que vivem juntos n'uma completa indifferença reciproca.	510,152
Pares felizes *na apparencia*	1,102
Pares *relativamente* felizes.	135
Pares *realmente* felizes	6!!

Que consolação para os conjuges portuguezes!

O TELEGASTOGRAPHO. — É escusado dizer que esta invenção vem dos Estados Unidos, feliz região onde o genio mechanico produz incessantemente novidades maravilhosas.

Ninguem conhece ainda o mechanismo do telegastographo senão o proprio inventor. Seja como fôr, pretende este que com o seu apparelho, póde-se beber e comer a uma distancia de varias milhas do sitio em que estiver a comida e a bebida, ou pelo menos tomar o gosto ás iguarias que estiverem a essa distancia. O processo é simplicissimo : colloca-se a iguaria n'um receptaculo que communica com uma poderosa batteria á qual estão ligados tantos fios quantos são os convivas, terminando cada fio na morada respectiva de cada um.

Chegada a hora da comida, cada um dos convidados mette a extremidade do fio na boca e saboreia á sua vontade o manjar que está na outra extremidade do fio. Certifica o inventor que, em consequencia de um recente melhoramento do mechanismo, o consummidor tem não só o paladar como tambem todos os prazeres da saciedade na proporção da quantitade de alimento absorvido. O mesmo acontece com os vinhos que transmittem os effeitos alcoolicos pelo fio com os seus aromas respectivos.

Mas o melhor de tudo é que, logo que o fio se tira da boca ou que se separa da batteria, a pessoa satisfeita readquire o appetite, o borracho volta ao seu estado normal, e, do banquete, nada mais resta do que uma lembrança.

O que é pena é que esta invenção pertença a um paiz tão fecundo em ficções e galgas de todas as qualidades.

* * *

A seita dos *Quakers* conta actualmente 14,500 socios em Inglaterra e 3,000 na Irlanda. O numero dos mortos em 1877 foi apenas de 308, de quaes 125 homens e 183 mulheres. D'estes *Quakers*, uma grande parte passam de noventa annos de idade. Attribue-se esta extraordinaria longevidade a serem muito sobrios e á vida extremamente tranquilla que levam.

* * *

O que é a força do habito !

Em Soupolno, pequena aldeia da Polonia Russa, celebrou-se ultimamente um casamento que deu que fallar em todos os arredores.

O sacerdote que dá a benção nupcial aos esposos tem por costume pronunciar, a cada novo enlace, uma pequena allocução que sabe de cór ha cincoenta annos.

« Jovens esposos, diz elle invarialmente, apenas acabaes de entrar na vida, por isso aconselhae-vos com os vossos paes e avós, que vos ajudarão a dar os primeiros passos n'esta nova existencia... »

Ora os esposos a quem elle dirigia esta breve e commovente prédica, contam entre ambos 188 annos de existencia. A noiva a viuva Najela Vilezynoha, tem cem annos de idade e é trisavó d'um rapaz de treze annos. O noivo tem apenas oitenta e oito annos e chama-se Nachmied.

* * *

O pequeno Julio tem oito annos, e veio passar as ferias da pascoa á casa paterna.

O pae para ver se elle está adeantado faz-lhe perguntas de grammatica.

— Que palavra é « ovo »?

— É um substantivo.

— Mas de que genero?

— Ora, papá, não se sabe ainda.

— O que, pois não se sabe de que genero é a palavra ovo?

— Em quanto não fôr chocado, não se sabe, responde Julio com gravidade, porque só então é que se póde ver se sae *uma gallinha* ou *um gallo*.

Propriétaire-Gerant : SALOMON SARAGGA.

PARIS. — Impr. J. CLAYE. — A. QUANTIN et Ce, rue St-Benoît. [697]

Papel da Casa Mac Murray de Londres

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

PERIODICO MENSAL PUBLICADO COM A COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES ESCRIPTORES E ARTISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PORTUGAL E COLONIAS (Moeda forte)		BRAZIL E AMERICA DO SUL (Moeda fraca)		FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	
Anno	3$000 réis.	Anno	10$000 réis.	Anno	16 francos.
Semestre	1$500 »	Semestre	5$000 »	Semestre	8 »
Trimestre	$800 »	Trimestre	3$000 »	Trimestre	4 »
Mez ou numero avulso	$300 »	Mez ou numero avulso	1$000 »	Mez ou numero avulso	1 fr. 50

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Os assignantes de Lisboa ou Porto poderão, querendo, pagar os seus numeros no acto da entrega, na rasão de 300 réis por cada numero.

Os annuncios e assignaturas devem ser dirigidos em França ao Sr. Salomão Saragga, rue Lauriston, 11, PARIS. Em Portugal, ao Sr. David Corazzi, rua da Atalaya, 42, LISBOA; e no Brazil ao Sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, 83, RIO DE JANEIRO.

AOS ASSIGNANTES

Agradecemos aos assignantes o auxilio que prestaram à nossa publicação. A edição do primerio volume està esgotada. Apenas nos restam alguns exemplares de differentes numeros, mas nenhuma collecção completa.

As faltas que houve na regularidade da publicação são devidas à prolongada doença do director do periodico. Sentimos profundamente que essas faltas se fôssem reflectir sobre o credito de Sr. David Corazzi. Como editor tem este cavalheiro dado provas de quanto é rigoroso no comprimento das suas promessas; mas o Sr. Corazzi não era editor d'esta publicação. Como gerente é apenas responsavel pelas quantias que recebe, e não se exime nem nunca se eximio a reembolsar os assignantes que se julguem lesados com a demora que possa haver na entrega de qualquer numero. A sua responsabilidade começa e finda ahi. Logo que um numero não chegue às mãos do assignante na época devida, este tem o direito de reclamar o reembolso da quantia de que é credor. Esse dever, estamos convencidos, cumpril-o-ha sempre, sem hesitação.

Estão tomadas todas as precauções para que taes casos se não repitam. O nº 13 com a data de Maio serà entregue nos primeiros dias de Junho, e d'ahi em deante, cada numero serà entregue com escrupulosa exactidão no ultimo dia de cada mez.

O papel fabricado especialmente pela casa Mac Murray de Londres serà igual ao d'este numero. É muito superior ao que empregàmos para os primeiros numeros. As gravuras serão como até aqui escolhidas com esmero. As publicadas no volume que finda hoje dão-nos o direito de dizer que nenhuma publicação d'este genero se avantaja à nossa. O texto do novo volume serà impresso na Imprensa Nacional de Lisboa, que obsequiosamente se prestou a isso, para maior regularidade e perfeição. As gravuras continuarão a ser impressas em Paris. Todos estes melhoramentos esperamos que não sejam infructiferos e que o agrado com que foi accolhida a nossa publicação em Portugal e no Brazil cresça cada dia mais. Pela nossa parte faremos o possivel por merecel-o.

A Direcção.

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendados.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina **(AMBROSIAL-CREAM)** para a barba.—**CRÈME de FRAISES** para amaciar a pelle.—Pós de **CYPRIS** para branquear a cutis.—**STILBOIDE** Cristallisado para o cabello e barba.—**AGUA ATHÉNIENNE** e Agua **LUSTRALE** para perfumar e limpar a cabeça. — **SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS** para o lenço.—Agua de **CÉDRAT** e Agua de **CHYPRE** para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT

ou

MOSTARDA EM FOLHAS PARA SINAPISMO

Medalha de Prata
Havre, 1868

MEDALHA DE OURO
Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA
Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇAO MARITIMA, PARIS, 1875
Adoptado pelos hospitaes de Paris, pelas Ambulancias e hospitaes militares, pela marinha nacional franceza a pela marinha real ingleza, etc., etc.

« Conservar á mostarda todas as suas propriedades obter em poucos instantes com a « menor quantidade de medicamento possivel « um effeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz « resultado. » (A.) **Bouchardat**, *Annuario de Therapeutica*, 1868.

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos freguezes que se acautelem contra o papel que se lhes apresentar como podendo substituir **o papel Rigollot** para **sinapismos**. O nosso papel é **o unico adoptado pelos hospitaes** civis, e militares, a bordo dos navios do Estado. E alem disto o unico premiado nas **exposições universaes** tendo obtido varias **medalhas de prata** e uma de **ouro** e recentemente um **diploma honorifico.**

Por conseguinte, todo o papel que não tiver afirma de **Rigollot** deve ser recusado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarello, que traz a firma do inventor

Exija-se esta firma. — *F. Rigollot.*

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24. Paris.

Depositos : No Rio de Janeiro, Duponchelle, em Pernambuco, Maurese e Cia.

GRANDE HOTEL

DO

BRAZIL E PORTUGAL

RUE DE MONTHOLON 30

PROPRIETARIO, L. LAPIERRE

PARIS

Este hotel situado no centro da Cidade, proximo dos caminhos de ferro e na visinhança do *Square Montholon* acaba de ser novamente mobilado e organisado pelo seu novo proprietario que falla portuguez e hespanhol.

Accomodações independentes para familias e quartos separados a preços modicos por dia ou por mez.

Comida por lista ou á meza redonda.

Completo sortimento de vinhos francezes portuguezes e hespanhoes.

ANTI-GOTTOSO BOUBÉE

XAROPE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado á *Academia de Medicina de Paris* e privilegiado em 1840. Recommendado ha mais de meio seculo pelos mais celebres Doutores de Paris, como um especifico infallivel contra :

GOTTA E RHEUMATISMOS

Allivia instantaneamente as dôres e cura radicalmente.

EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO

DEPOSITO GERAL : Paris, 4, rue de l'Échiquier.

VELOUTINE

Ch. Fay

9, RUA DE LA PAIX, 9

Paris

Pó de Toucador

IMPALPAVEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pelle a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — sem borla.

A' venda nas principaes lojas de perfumarias.

MEDALHA DE PRATA
Exposição Internacional de Paris 1875.

TRATAMENTO CURATIVO
da
PHTISICA PULMONAR

Em todos as gráos e em geral de todas as doenças do **Peito** e da **Garganta**
POR MEIO DO

SILPHIUM CYRENAÏCUM

Experimentado pelo Dr LAVAL e adoptado nos Hospitaes de Paris e das principaes cidades de França.

Importado e Preparado

POR **DERODE & DEFFÈS,** PHARMACEUTICOS DE 1a CLASE
Paris — 2, rue Drouot, 2, — Paris.

O **Silphium** *administra se em Granulos, Tintura e em Pó.*

Em Rio-Janeiro : Ruffier-Martelet e Ca.-Em Bahia : Lima Irmaos e Ca.-Em Pernambuco : Bartolomeo e Ca.

CATAPLASMA LELIÈVRE

INSTANTANEA

APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

Adoptada pelo Ministerio da Guerra, pelas Ambulancias e Hospitaes e pelo Ministerio da Marinha para o serviço da armada.

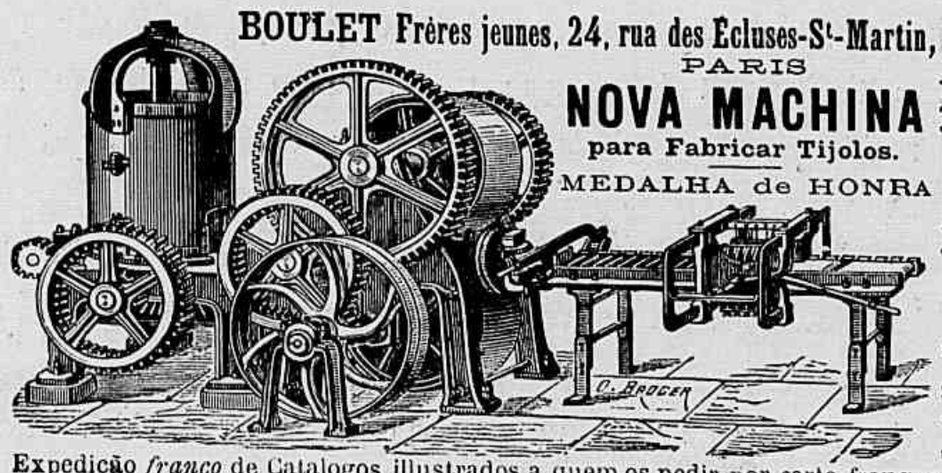
PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emolliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais commodo emprego, não exigindo pannos nem compressas.

VENDA POR ATACADO :

24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho : em todas as Pharmacias.

BOULET Frères jeunes, 24, rua des Écluses-St-Martin, 24.
PARIS



NOVA MACHINA

para Fabricar Tijolos.

MEDALHA de HONRA

Installação completa para fabricas de telhas e de tijolos.

Expedição *franco* de Catalogos illustrados a quem os pedir por carta franqueada.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a **Agua do Doutor Holtz** não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Dá ao cabello uma côr natural, destroe a caspa e conserva o caseo n'um estado de limpesa constante.

A **Agua do Doutor Holtz** é não só um excellente artigo de toucador, mas tambem um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assignatura do ***Doutor A. Holtz.***

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14